

As vozes amargas

Rogel Samuel



DJALMA PASSOS (1923-1991)

Depois de muitos anos de busca, consigo "As vozes amargas", de Djalma Passos. É um excelente livro, esgotado há 57 anos! Fiquei tão feliz que o transcrevi integralmente no meu blog.

É um livro temático, fechado, que se pode dizer tem começo, meio e fim. Não pode avaliar a poesia de Passos quem só ler um poema. Seu tema é o homem,

ou seja, a sociedade e suas questões religiosas e humanas.

Foi publicado em 1952, e poucos anos depois Passos foi meu professor de português no Ginásio de Aparecida. Era um homem calmo e bom, bem me lembro, e morava na época perto da casa de minha avó, na Rua Japurá, onde eu também vivi por alguns anos.

Lembro-me de ter ido à sua casa, não me lembro por quê. E talvez foi lá que eu ganhei um exemplar do livro, que se perdeu ao longo da vida como tantos. Eu já escrevia quando era adolescente, e dirigi um jornal estudantil feito no mimeógrafo onde colaboravam colegas meus, hoje famosos, como a tia de um hoje Senador pelo Amazonas, a esposa de um Governador e Prefeito de Manaus, e a Ira Esteves, hoje em Los angeles. Não tenho nenhum exemplar, pois logo ganhamos espaço nos jornais de Manaus e fundamos o Grupo Satírico Gregório de Matos.

O livro de Djalma Passos é muito bom. A crítica atual da literatura amazonense não fala dele, menos o falecido Artur Engrácio e o piauiense Assis Brasil. Como desconhecem o maior cronista do Amazonas, Afonso de Carvalho. Mas não faz mal. Djalma Passos será lembrado como um dos maiores poetas amazonenses.

DJALMA PASSOS nasceu, no Acre, no dia 19 de junho de 1923 e faleceu no Rio em 1990. Fez seus estudos no Colégio Estadual do Amazonas e na Faculdade de Direito do Amazonas. Foi tenente-coronel da Reserva da Policia Militar do Estado, professor do Colégio Comercial Brasileiro, Ruy Barbosa e Ginásio de Aparecida. Abandonou o magistério para ingressar na política, tendo sido eleito, primeiramente, Vereador, mais tarde, Deputado Estadual e depois Deputado Federal pelo Amazonas pelo PTB (1962). Colaborou com as revistas e jornais de Manaus. O Senador Aureo Mello do PMDB do AM pronunciou Discurso no Senado em 19/06/1990 em HOMENAGEM DE PESAR PELO FALECIMENTO DO SR. DJALMA PASSOS, e hoje tem nome de Rua e Escola em Manaus.

%%%%%%%%%

DJALMA PASSOS: "As vozes amargas". Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1952. 71 P. Texto integral.

DJALMA PASSOS

AS VOZES AMARGAS

POEMAS



RIO DE JANEIRO

POEMA DO MOLEQUE BRASILEIRO

Moleque vadio

Que anda nas ruas

Dizendo pilherias às moças que passam;

Moleque vadio, sem compostura

Que apedreja as vidraças

E não respeita ninguém;

Moleque sem Deus, sem lar e sem pão

Que rasgou a cartilha e esqueceu a lição;

Moleque que brinca de manja nas noites escuras

Que briga e vai preso

E dorme nas calçadas abandonado

Sob os olhares tristes da irmã lua;

Moleque vadio,

Viciado,

Que anda armado à procura do crime

Que se embriaga nos botequins

E rouba os brinquedos dos outros meninos,

Que nunca soube o que foi carinho

E vive sem rumo e sem finalidade

Pelas ruas da cidade,

Pelas veredas dos velhos subúrbios;

Moleque quase homem

Que nunca chegou a ser criança,

**Que não sabe o que é ter uma esperança
Que tem uma historia tão triste, tao amarga
E traz no olhar despido de ilusoes
A mágoa de geraçõoes e gerações...
Moleque!
Você não pode ser o futuro do Brasil! ...**

ESTRANHAS VOZES

**De onde virão, Senhor, essas estranhas e soturnas
vozes,
Essas vozes melancólicas, sub-humanas,
Que estão perturbando a calma das auroras
Como um grito lancinante de revolta? ! ...
De onde virá, Senhor, essa amarga sinfonia
Que está enchendo de sombras o infinito
E confrangendo os corações
Nas horas mortas do crepúsculo? !
Virão daquelas nuvens pardacentas,
Do rumor das águas correntes,
Do gorjeio dos passarinhos,**

**Do fonfom dos automóveis,
Dos apitos das fábricas ciclópicas
Que estão plasmando o mundo de amanhã? !
Virão do sorriso das crianças,
Da agitação das grandes cidades,
Das boites elegantes,
Do roncar dos aviões
Ligando todos os pontos da terra? !
Virão do mar revolto,
Das profundezas dos céus,
Da fúria dos temporais? !
Não, Senhor!
Essas estranhas e soturnas vozes,
Essas vozes cansadas, martirizadas,
Que pedem pão, pedem justiça,
Vêm dos submundos da vida,
Da garganta enrouquecida dos homens famintos,
Daqueles que gemem nos catres imundos dos
hospitais,
Dos que tem mãos que parecem garras
E que trazem no olhar a marca dos sofrimentos
indeláveis,
Dos que rolam no chão dos velhos casebres
abandonados,**

**Esburacados,
Nos subúrbios miseráveis ...
Vêm da garganta dos que esmolam nas calçadas
E rolam de quando em vez nas sarjetas
Como velhos embrulhos de papel ...
Vêm da garganta de todas as mulheres perdidas
Que se prostituíram para manter seus filhos,
De todas as crianças que transviaram
E conhecem nas ruas da desgraça
A dor e a fome, o frio e o vício,
A miséria e o crime ...
Vêm da garganta dos que se sacrificaram inutilmente
Pela paz humana,
Dos que sonharam com a beleza da existência
E na impetuosidade desse sonho
Se arrojaram em lutas com falangiários avançados
E tombaram um por um
Sobre o chão morno e ensanguentado ...
Vêm dessa multidão intranquila
Que através de milênios e milênios
Nunca pode contemplar o céu
E caminhou rastejante como um verme
Sofrendo as injustiças de todas as Idades ...**

**É daí, Senhor, que provém
Essas estranhas e soturnas vozes,
Esse tumultuar de vozes e protestos,
Esse cântico coletivo de esperança
Que nada destruirá seu conteúdo
E será o farol inapagável
Que buscará na noite dos tempos
o caminho da verdadeira aurora ...**

RESIGNAÇÃO

**Quando a meus olhos se apagarem as estrelas do
infinito,
Quando a meus olhos a aurora sucumbir
E o azul deste céu não for mais nada,
Quando os meus braços penderem inexoravelmente
E todos os meus gestos desaparecerem
E a minha voz perder-se numa mudez sombria,
Quando o meu corpo se transformar em humus**

**E a minha essência vagar como um perfume fugitivo,
Entao contemplarei resignadamente
A estranha saudade do teu olhar perdido
Deixando lágrimas sobre a desolação eterna do meu
nada ...**

POEMA DA ETERNA AUSÊNCIA

**Nunca mais durante a existência inteira
Sentir em minhas mãos vazias as tuas maos afáveis
Que escreveram tateantes como rosas inspiradas
Na epiderme torturada
O poema de todas as carícias ...
E no turbilhao de todas as vozes humanas
Nunca mais distinguir a tua voz
Perdida como um crepúsculo que finda
No silêncio das imensidades ...
Não mais divisar em tempo algum
O vulto que através das idades esperei**

**E as formas plenas de vida e de delírio
Que as minhas mãos alucinadas procuraram ...
Sim, não mais te ver
E viver a existência inteira
Na desesperada saudade
Do teu olhar distante,
Da tua voz preme de silêncio,
Do teu rosto infinitamente ausente ...**

POEMA DO OLHAR EXTINTO

**Não era de ontem que meu olhar buscava o teu olhar ...
Buscava desde tempos remotíssimos
Caminhando ansioso através das idades ...
Em sua busca atravessou os oceanos,
Amargurou-se nas vastidões das planícies,
Ergueu-se mais alto que as montanhas
E palmilhou vagarosamente,
Silenciosamente,
Todas as ruas de todas as cidades
Na agitação febril dos dias tumultuosos,**

Na paz das noites desertas e esquecidas ...
O meu olhar buscava o teu olhar
Como uma vida procura a sua própria esperança ...
E entretanto quando o divisou ao longe,
Deixando o meu olhar perdido na planície morta,
O teu olhar extinguiu-se,
Desapareceu como uma estrela fugitiva
Na noite insondável de outros mundos ...

ESPERAREMOS

Esperaremos a aurora do mar da tua noite
Onde quase todas te humilharam,
Onde sangraste os pulsos nos grilhões impiedosos
E abaixaste a fronte altiva dos teus sonhos ...
Nos esperaremos o ressurgimento do teu corpo
Que virá iluminado de claros de esperança
E de teu olhar apagado pelo sofrimento
Que de novo brilhará

E transmitirá

A mensagem que recebeste no começo dos tempos ...

Nós esperaremos que te ergas

E possas contemplar o azul do infinito

**E que as tuas mãos ultrajadas se recomponham
profeticamente**

Como dois símbolos eternos

Nos te esperaremos porque então

Na hora de tua nova vida

Te mostraremos o rumo do novo caminho

Por onde os pássaros te guiarão ...

APELO AO MAR

Mar tenebroso, mar gigante,

Mar incomensurável, mar sem alma,

Nesta hora amarga dos crepúsculos cinzentos

Prostrado diante da tua grandeza.

Revoltado contra a tua impiedade,

Venho fazer-te o meu supremo e irremovível pedido:

Quero que me restituas os meus irmãos queridos

**Que se perderam no teu seio turvo e incompreendido,
Os que sucumbiram à fúria das procelas,
Os que enguliste desde as mais remotas eras ...
Quero os que saciaram a fome dos teus monstros,
Os que gritaram nas noites perdidas
Entre as tuas águas assassinas,
Os que nao tiveram o consolo de um último adeus
Nem o afago de um derradeiro olhar,
Os que se agoniaram no teu bojo.
E se desesperaram ao fragor das tuas ondas,
Os que se agarraram a velhos destroços
E viram noites terríveis e dias de angústias
Na solidao da tua imensidade ...
Quero os que ergueram para o céu longínquo
Os olhos suplicantes,
Os que tinham a garganta ferida
E os corpos nus e ensanguentados ...
Quero, ó mar, que me restituas todos os meus irmaos
Que erram no teu seio turvo e incompreendido,
Sem o beijo de sol das manhãs claras,
Sem o doce carinho das noites de luar ...**

POEMA

**Um dia eu surgirei da treva dos abismos
E pronunciarei um canto amargurado,
Um canto que ninguém compreenderá ...
Nesse dia o céu não me olhará tranquilo
E a terra em convulsões dantescas
Se jogará a meus pés quase incitados
Em soluços de mulher arrependida ...
Os seres e as coisas se entenderão quando ouvirem
As primeiras palavras desse canto amargurado
Que pronunciarei em gestos transcendentais
Quando eu surgir das trevas dos abismos ...
Porque então estarei livre dos homens,
Estarei divorciado da vida,
Serei o Deus supremo de mim mesmo ...
O meu cérebro terá fulgores de estrelas
E os meus olhos magnetismos onipotentes**

**E direi tudo que assassinei na minha mudez,
Tudo o que mergulhou e perdeu-se no meu silêncio
constrangido ...**

Será uma hora incomensurável de vingança...

PROCEDÊNCIA

**Venho do mundo dos desiludidos,
De onde a vida se tornou amarga e inconcebível,
De onde a tristeza estendeu suas asas negras
Como um pássaro agoureiro e cruel
Sobre os homens e as cousas ...**

**Venho de um submundo abandonado
Onde nao há Deus nem manhãs de sol,
Nem noites de luar nem dias sem crepúsculos,
Onde tudo vaga sem destino,
Sem finalidade e sem conforto ...**

**Trago na garganta o gemido dos aflitos,
No peito a tortura dos injustiçados
E no olhar a mensagem dos eternamente perdidos ...**

**É por isso que a minha alma tem essa vontade
estranha**

De pairar acima do infinito

E de viver no fundo dos abismos ...

POBRE ELEGIA

Eu não te trago nem flores nem auroras,

Nem a mensagem de outro céu

Nem a terra meiga de novos caminhos ...

Eu não te trago o clarão de outras estrelas

Nem a luz de novos pensamentos,

Nem a coroa da suave esperança

Pela qual te sacrificaste...

Eu não te trago a recompensa

Do sofrimento que absorveu

Num crepúsculo de fogo, num por de sol sangrento,

Sem o último beijo dos que te amavam,

Sem o olhar dos que foram a tua própria vida

Sem os adeuses do coração que amaste ...

O que eu te trago nesta pobre elegia

É a notícia da ambição que não extinguiste,

**Do ódio que não apagaste,
Da incompreensão que não destruístes,
Da dolorosa inutilidade do teu sacrifício ...**

NATAL EM MEU BAIRRO

**Nesta noite festiva
De janelas iluminadas,
De sinos repinicando,
De gritos e gargalhadas,
O meu bairro esqueceu a sua tristeza,
A sua melancolia esmagadora de subúrbio
E gargalhou, brincou e dançou freneticamente
Como um bairro feliz ...
Meu bairro esqueceu as suas misérias,
As suas dores,
Esqueceu os seus mendigos,
Os seus casebres desengonçados,
Tristes e cheios de dramas ...**

Esqueceu os seus moleques traquinas
Que pulam,
Que gritam,
Que correm nas noites escuras,
Nas ruas sinuosas e lamacentas,
Os seus moleques vadios,
Abandonados,
Esquecidos,
Opilados,
De dentes cariados e mãos calosas ...
O meu bairro esqueceu a sua vida angustiada
E a sua pobreza infinita,
Cicatrizou as chagas de seu corpo
E ensurdeceu aos gemidos de sua alma enferma.
O meu bairro está feliz nesta noite festiva,
Está vivendo a sua noite de natal,
A sua noite de festa,
A sua noite de alegria,
A sua noite imensa de ressurreição ...
Está feliz com o seu céu de estrelas,
Com o seu chão branquinho de luar,
Com os seus namorados nas esquinas
De vozes trêmulas, ofegantes

E carícias prolongadas ...
Está feliz com a sua criançada
Que dança nas ruas,
Que brinca a ciranda
Sob a luz do luar.
Mas quando esta noite findar,
Quando as estrelas se apagarem
E não houver mais luar,
Quando as crianças famintas chorarem
Descalças e maltrapilhas
Nas ruas sinuosas e lamacentas,
Quando os mendigos voltarem
Com suas faces agônicas,
Então meu bairro já não será feliz ...
Escutará os gemidos de sua alma enferma,
Os gemidos dos seus casebres cheios de dramas
E sofrerá a sua tristeza infinita,
A sua melancolia esmagadora de subúrbio ...

AS MÃOS

**As mãos se estenderam
Se alongaram
Como dois tentáculos perdidos,
Como dois pássaros sem rumo,
Conheceram o abismo das sarjetas
E tocaram o infinito ...
Perderam-se nas ruas sem esperança
Nas noites hibernais
Nas manhãs cheias de sol
Nos crepúsculos vazios
No mundo deserto da espécie ...
As duas mãos iam juntas
Como dois poemas torturados
Destinados ao mesmo estranho caminho ...
Depois penderam inexoravelmente
Na solidão dos destinos eternos.**

ESTRELA MORTA

Estrela que fulgurou tao longe
Nas minhas noites incertas,
Estrela que guiou as minhas caminhadas
E anunciou todas as manhãs ...
Estrela que brilhou tão alto
Que me deixou perdido nos abismos
Na solidão imensa dos pântanos
Estrela que foi a única esperança
Nas minhas horas de desespero e desilusões ...
Estrela gloriosa
Estrela efêmera
Estrela morta,
Eu que te busquei tanto
Hoje contemplo a transformação do teu esplendor,
O teu cadáver ao alcance de minhas maos
impiedosas...

POEMA

Assistiremos a tua derrocada

Quando um anjo descer sobre a noite

E transformar sombras em auroras,

Quando a tua voz se perder no abismo dos pântanos

E uma música de ópera te envolver ...

Assistiremos a tua derrocada

Quando o silêncio te esmagar nos dedos de aço

E as tuas horas correrem vertiginosamente

Para a solidão infinita que te espera.

Sim, nós marcharemos imperturbavelmente

Para assistir ao espetáculo de tua queda ...

ESTRELA DA MANHÃ

Não foste somente a mão que eu cobri de beijos,

A concha que recolheu os meus afagos,

**O colo onde dormiu minha cabeça de martírios
Na estonteadora ebriez de todas as volúpias ...
Não foste apenas o vulto da esperança
Para onde os meus olhares convergiram
E as minhas mãos febris, ansiosas, avançaram
Conduzindo o meu corpo abandonado ...
Foste também a estrela da manhã
Que iluminou a minha noite sem aurora,
O farol amigo que entre brumas conduziu
Este pobre barco sobre um mar de escolhos ...
Foste a mão que amparou todos os meus tombos
Quando eu era um triste caminhante dos abismos,
Quando o meu olhar se turvou pelos caminhos
E todos os olhares esperavam a minha queda ...
Foste tu quem ouviu os meus gemidos,
Quem escutou minha voz desesperada
E me apontou ao longe no horizonte
O rumo da existência ...
Sim, tu foste tudo, o céu, a vida, a alegria,
A glória de um pobre ser perdido nas estradas,
O anjo mensageiro da minha grande esperança
Oculto no teu olhar de estrela da manhã ...**

ANGÚSTIA

Senhor,

Nesta hora trágica da vida

Eu estou sofrendo

A angústia universal e eterna

De todos os homens,

A angústia suprema e imponderável

Desta hora terrível e cruciante ...

Estou sofrendo a angústia dos que em balde

Te procuram quando a tarde morre,

Dos que de mãos postas sempre acreditaram em Ti,

Dos que sempre Te negaram,

Dos que esperam estoicamente pelo Teu socorro,

Dos que erguem os braços aflitos

E os olhos cheios de lágrimas ao céu,

Dos que amaldiçoam o infinito ...

**Estou sofrendo a angústia dos homens sem lar,
Dos que andam famintos pelas ruas tristes,
Dos que esmolam nas calçadas
E conhecem a tristeza das sarjetas,
Dos que gemem nos hospitais
Dos que choram nas noites taciturnas
Dos que soluçam nos albergues abandonados ...
Estou sofrendo a angústia dos que estertoram nas
prisões,
Dos condenados
Dos desiludidos
Dos injustiçados
Que nesta hora cruciante
Se irmanam, se arrependem
E Te procuram, Senhor!
Estou sofrendo a angústia dos náufragos perdidos
Que agonizam na imensidade dos oceanos,
Dos que se matam nas oficinas
Dos que se preparam para as lutas
Dos que estão lutando
Dos que estão morrendo
Dos que estão matando
Dos que estão gritando surdamente
Sob os escombros das cidades mortas ...**

**Sim, Senhor,
Eu sofro a angústia desta hora
Que nos desumanizou,
Que assassinou a nossa fé,
Que destruiu a nossa esperança
E nos deixará eternamente
Duvidando da Tua existência...**

POEMA

**Eu queria ser uma árvore plantada a beira do caminho!
Eu queria ser uma árvore plantada a beira do caminho!
Uma árvore sobranceira e frondosa
Integrada no ritmo das coisas,
Adormecida num silêncio milenário
Sentindo a carícia meiga da terra
Na rusticidade das raízes ...
Eu queria ser uma árvore para sentir essas noites
Enfeitadas de estrelas lucilantes
Derramarem luar sobre as minhas folhas orvalhadas
Como se fosse um beijo aromal de namorada ...**

Ser uma árvore para sentir constantemente
O sussurro das brisas mansas
E ao despontar da aurora
Ver partir da minha fronde
O gorjeio sinfônico dos pássaros
Como se eu cantasse uma eterna melodia ...
Ser uma árvore para sentir fundamente
Nessas horas de oiro e sangue,
De distâncias acesas,
A emotividade dos poentes iluminados ...
Queria ser uma árvore frondosa
Para abrigar sob a minha sombra
Todos os homens que não tem lar,
Os homens que vem fatigados pelo caminho,
Os que estão caindo vencidos pela vida,
Os que estão rolando esquecidos
Dolorosamente nas sarjetas da vida ...
Árvore que desse muitos frutos
Para alimentar as criancinhas órfas e famintas,
Que fosse um aconchego aos que nunca se sentiram
amados,
Que desse abrigo a todos os homens infelizes
Os homens que Deus esqueceu ...
Ah! se eu fosse uma árvore frondosa

**Integrada no ritmo das coisas,
Carregada de frutos e de flores,
Espreadingo sombra no caminho,
Contemplando todos os crepúsculos!**

O POETA DENTRO DA NOITE

**O poeta quis saber o que havia dentro da noite
E por isso como um psicólogo profundo
Mergulhou na alma estranha da noite ...
Logo que o crepúsculo se apagou
E as primeiras trevas envolveram o poeta
E os vagalumes lucilaram na penumbra
O poeta começou a ver
O que havia dentro da noite ...
Viu os mais opíparos jantares,
Viu muita gente gargalhando,
Homens, mulheres e crianças
Cantando**

Brincando

Conversando

Sem nenhuma queixa contra a vida ...

Viu muitos corações felizes...

Mas viu também logo que o crepúsculo se apagou

Legiões de homens cansados, acabrunhados,

Maltrapilhos que não tinham lar,

Nem pão para comer, nem água para beber...

Viu mulheres doentes, tristes, acabadas.

Pelos subúrbios distantes,

Viu crianças famintas que choravam

E velhinhas que vieram de longe

Para levar as sobras dos restaurantes ...

Ouviu soluços longos, dolorosos,

Que vinham das casinhas pobres

E gemidos surdos dos hospitais ...

Depois os microfones encheram a noite

E as luzes brilharam profusamente

E o poeta interessou-se ainda mais

Pelo que havia na alma estranha da noite ...

Viu mãos postas em súplicas infinitas

E lábios hipócritas que rezavam

E corações empedernidos

**Que buscavam aquele Cristo de feições mortas
Que os homens esqueceram eternamente na Cruz.
Contemplou as fachadas luminosas dos cinemas
E ouviu prolongadamente
A música que andava no ar
Misturada com o fonfom dos automóveis
Abafando os gritos de angústia,
Levando os momentos de grande aflição
Que perturbariam a festa incomensurável
Da noite maravilhosa dos homens felizes ...
Olhou todas as vitrines
Onde os homens paravam
E desejam o que ainda não puderam ter ...
Encontrou namorados aos beijos
Nos bancos dos jardins
Sob as árvores quietas,
Ouvindo confidências apaixonadas,
Vozes trêmulas, titubeantes
E viu lágrimas passionais ...
Depois, noite alta, na solidão das ruas
Quando as estrelas brilhavam no céu opalino
E a irmã lua surgiu piedosamente
Como um brinquedo de criança,**

**Branqueando as árvores quietas,
O poeta caminhou pela mais triste e alegre das ruas ...
E viu corpos nus de mulheres perdidas,
Corpos brancos, morenos, bronzeados,
Formas flácidas de seios,
Sorrisos cheios de voluptua
E gestos obscenos de lascívia ...
Contemplou a alegria doente dos homens perdidos
Que contemplavam as mulheres desnudas ...
E vieram as horas de grande silêncio,
Os veículos pararam,
As árvores ficaram imobilizadas como espéctros
E a cidade era como uma necrópole abandonada
Aos tíbios raios do luar agonizante ...
Mas o poeta continuou vagando pelas ruas desertas
Para saber o que havia dentro da noite ...
Viu ex-homens dormindo nas calçadas
Envoltos no manto gelido da noite bárbara,
Ouviu o apito funebre do guarda-noturno
E encontrou o sentinela do quartel sombrio
Desiludido como um condenado ...
Penetrou nas alcovas escuras
E como o infeliz Augusto dos Anjos**

Viu de perto "O trabalho genésico dos sexos".

Viu larapios e facinoras,

Notívagos sem alma

Caminhando nas sombras da alma da noite ...

Veio então a estrela d'alva

E luminosamente

Banhou o rosto do poeta triste ...

Os galos cantaram uma canção selvagem

E houve vibrações de aurora

E gorjeio de passarinhos.

O sol beijou a terra orvalhada

Com o seu beijo trágico de fecundação ...

Então o poeta amargurado,

De olhos postos no infinito cheio de luz,

Sentiu mais do que nunca

O drama de sua geração desesperada ...

POEMA AOS QUE HÃO DE VIR ...

Aqueles que nesta hora ainda estão lutando
Entre as paredes do útero das mulheres grávidas,
Aqueles que vivem incriados e silenciosos no ventre
das virgens
Os que hão de surgir em breve
Em todos os recantos do mundo
Como flores desabrochando ao sol
E trarão no olhar de novos pioneiros
A suave esperança de uma nova vida,
Vão escutar agora a informação deste poema:
O mundo esta doente de incompreensão
De intolerância e de injustiça,
E um pobre ancião acabrunhado,
Afogado na onda de seu desespero ...
Há milênios e milênios esqueceu a paz
E os homens tombam fratricidamente,
Rolam no chão morno de sangue das trincheiras
E se desesperam na vastidão dos oceanos ...
E há crianças chorando nas cidades mortas,
Soterradas nos escombros
E mães prostituídas e ultrajadas
E meninos esfarrapados pelas ruas,
Doentes,
Famintos,

**Esquecidos,
Gemendo nos mocambos abandonados ...
Há mãos erguidas à beira dos caminhos
Pedindo esmolas em nome do Senhor,
Vultos indistintos,
Corpos cansados,
Confundidos,
Estiolados
Na poeira das estradas ...
Há vozes trêmulas perdidas dentro da noite
Que vem da solidão dos hospitais,
Que partem dos peitos torturados nas prisões,
Das gargantas ensanguentadas
Dos desaventurados passionais ...
Mas há também gargalhadas sonoras ecoando,
Risos acintosos pairando pelo ar,
Sobre a angústia dos injustiçados,
Sobre a carne apodrecida das mulheres perdidas ...
Sim, o mundo está doente,
Desolado,
Sem luz, sem ar, sem pão,
Sem direito e sem compreensão ...
E é por isso que aqueles que virão dentro de breve,**

**Aqueles que dormem incriados e silenciosos
Mas que esperam contemplar todas as auroras,
Terão forçosamente de curá-lo
Para que outros ainda mais incriados e silenciosos
Possam viver um dia
O milagre das nossas horas de esperanças ...**

CANTO DE AMOR À NOITE

**Agora eu quero amar profundamente a noite,
Essa noite enfeitada de estrelas lucilantes
E dessa lua que branqueja todos os telhados ...
Não quero amar somente essa noite elegante dos
salões,
De mulheres fascinantes, de mãos fidalgas
Bailando maravilhosamente nos teclados
E se perdendo na vertigem das declamações ...
Noite de alvos colos nus,
De lábios rubros, sensuais,
Feitos para a volúpia de incógnitos desejos ...**

**Mas também essa noite ampla e humilde dos
subúrbios,
De homens cansados, suarentos,
De pele tostada de sol,
Dessas mulheres profundamente humanas
De pés sujos de terra
Que trazem no ventre o fruto de seus amores ...
Amar essa noite misteriosa das florestas
Onde o pioneiro avançou
E dorme agora silenciosamente.
Essa noite de lendas de pescadores rudes
Que falam dos encantos das boiúnas
E do feitiço dos igarapés ...
Amar essa noite de mulheres perdidas
Que vagueiam sem destino,
Embriagadas,
Dormindo nas sarjetas.
Nas portas dos cabarés ...
Amar a noite na imensidade de seu bojo
Sentindo o calor de suas alegrias
E a amargura de todos os seus dramas ...
Amar e sentir a noite imensa
Descortinada.
Silenciosa.**

Alva de luar e esperança

E ensanguentada de mortes e gemidos ...

Sim, amar e sentir toda a noite da janela

E percorrer o mundo como um bólido misterioso

Em busca da aurora

Com a estrela da manhã flutuando nos olhos ...

SAUDADE

Quando a tarde caiu,

Quando o crepusculo avermelhou os horizontes

E as aguas deslizaram no seu poema de silencios,

Quando a paz uniu os seres e as cousas

**E os acordes da Ave-Maria penetraram fundamente os
corações,**

Quando os caminhantes de todas as estradas pararam

E houve em tudo misteriosa vibraçao de salmos,

Quando os meus olhos se perderam na imensidao

E contemplaram a tua grande ausencia,

Foi que senti a inspiração deste poema ...

Foi quando tu voltaste do passado distante

**E te senti como uma aurora de esperança
Animando o meu olhar abandonado ...
Foi quando eu senti a emotividade da vida
Na triste apoteose do Angelus ...**

POEMA

**Venho de longe descalço e triste
Pelas estradas
Caminhando nas noites
Como um viajor soturno e sem destino.
Nao trago vestes sobre o meu corpo,
Venho confundido com a natureza
Tonto de luz e de cor ...
Na caminhada imensa e sem rumo
Tudo perdi,
Tudo ficou na solidao da poeira dos caminhos
percorridos,
Menos este bastao ing1ório
Que continua me guiando como uma estrela,**

**Como uma luz,
Uma esperança.**

O HOMEM SÓ

**O homem trazia no olhar a mensagem do seu destino,
No coração a esperança de uma nova vida
E nas mãos transparentes
A semente pronta para a germinação.
O seu maior desejo
Na caminhada sem limite
Através de mares, desertos e planícies,
Aquilo que o homem guardava no fundo de seu ser
Como se fosse a última luz,
A última beleza de seus milhões de anos de existência,
Era encontrar a terra para a semente salvadora ...
Assim caminhou incansavelmente,
Venceu distâncias infinitas,
Aprisionou-se no seu próprio corpo
E suportou todas as torturas,**

Todos dos castigos

Pelo pecado de ter nascido homem ...

Mas quando se sentiu redimido,

**Quando se viu puro como a luz ou como um peixe do
mar**

E deixou de ser demonio para tornar-se anjo,

Quando pos no olhar a mensagem de seu destino,

No coração a esperança de uma nova vida

E nas maos transparentes

A semente pronta para a germinação,

Sentiu que uma solidao imensa o envolveu ...

Entao compreendeu que ja estava vivendo

Num mundo que nao era o seu ...

ANGÚSTIA NUMA CASA DE CORREÇÃO

Olho os meninos desdentados,

As cabeças raspadas como assassinos,

As maos sujas
Os pes descalços
E as barrigas crescendo de opilação ...
Mas o que me angustia
Nesta casa de correção
Nao sao essas pedras sem rumo,
Esses rostos macilentos,
As esperanças desfeitas
De maes aflitas chorando
Os filhos que estao recolhidos
A esta casa de correção ...
O que me angustia nesta casa de correção
É que em todos os rostos macilentos
Como um sinal de naufragio
Ha um ponto de interrogação ...

DESEMBARQUE

**As praias brancas e desertas
Nas noites luarentas
Sao como sobreviventes de um naufragio
Esperando velas brancas no horizonte
Para a hora fatal do desembarque ...**

ANJO NOTURNO

**Nao busques conhecet a estranha alma do poeta
Nem pergunes de onde vem seu corpo desvairado
Nesta noite de lubricos rumores ...
Nao somos duas almas paralelas
Mas nossos caminhos tem a fatalidade do mesmo
destino ...
Somos filhos desta mesma lua
São nossas todas as estrelas
E merecemos a brisa que agora nos envolve.
Quero afagar as tuas asas, anjo noturno,
Sentir a paisagem triste do teu corpo
Sem olhar a tua alma cheia de pecados ...**

**Depois partiremos para sempre
E mais uma vez, anjo das noites inesperadas,
Enfrentaras a aurora ...**

MADRUGADA SANGRENTA

**Em vao eu te busquei ó madrugada
Quando a minha alma quase morta necessitou de
auroras
E o meu corpo de um refugio inviolavel ...
Nao pude contemplar a tua paz
Nem deixar que minhas maos mergulhassem em teus
lírios ...
No desembarque impossivel,
Eu vi apenas o teu clarao sangrento
E os teus passaros entoando uma canção de guerra**

O ÚLTIMO DESEJO DO POETA

**Quando O poeta deixar de contemplar todas as auroras
E de maos postas emudecer no seio turvo da terra,
Quando as angustias humanas nao emocionarem mais
o coração do poeta
Nem os esptaculos da miseria umedecerem seus olhos
E os meninos esfarrapados nao mais pedirem tostao,
Quando todas as vozes amargas silenciarem aos seus
ouvidos,
O poeta nao desejara gloria para seu nome
Nem reverencia para sua memoria ...
O poeta desejará apenas
Que surja a grande paz para o homem
Porque entao do seu eterno silencio
Escreverá o seu poema de todos os poemas,
O poema que ficou nas suas horas de esperança ...**

TEUS PÉS

Teus pés incansáveis vararam os séculos
Palmilharam as noites sem aurora
Os dias e as solidões ...
Teus pés percorreram as estradas poeirentas
Marcharam à frente dos que protestaram
E se purificaram nos esterquilínios ...
Teus pés sujos de sangue
Marcharam sempre,
Indefinidamente
Para o futuro,
Para a vida
Para a esperança ...

DAMA DO CABARÉ

Na madrugada fria

Quando o silencio cortava as almas

A dama caiu,

Rolou como uma coisa sem destino

Na porta do cabaré ...

O tempo havia passado,

A vida era como um cavalo correndo alucinado

E por isso todos deixaram a menina bebada

Dormindo na porta do cabaré ...

POEMA

Na hora do teu desencanto,

Na hora em que nu apareces para o mundo,

Na hora em que todas as classes te caluniam

E assistem ao carnaval da tua degradação,

No momento em que todos te abandonam

E esperam ansiosamente,

Alucinadamente

**O desenlace do teu sacrifício,
Deixa que a luz deste poema te penetre
profundamente,
Te envolva como um manto infinito de estrelas
E pela força de milhões de pássaros
Te conduza à eternidade do teu destino ...**

NAUFRÁGIO

**Dormirei no leito imenso do mar
Inatingível como um navio perdido para sempre
Sem soluços nem pesadelos ...
Dormirei tranquilo,
Vitima do meu naufragio voluntário
Ate a minha dissoluçao definitiva ...**

POEMA

**Homem que vens de longe
Pisando cadaveres de crianças mortas ...
Homem que vens de longe
De maos tintas de sangue
Perdido no teu destino obscuro ...
Homem que vens de longe
Injusto, atrabiliario e cruel!
Detem-te
E contempla o infinito
Os campos e as flores ...
Procura a paz e a esperança,
Joga fora os andrajos que te cobrem,
A lama que tens no coração,
Acende uma lampada dentro de tua alma
E socorre as vitimas do teu desespero.
Depois volta assim redimido
Que te mostrarei o novo caminho ...
Pois somente entao
Com essa completa transformação
Poderas alcançar o destino da poesia
E viver num mundo que nao é o teu ...**

POEMA

Nao deixes que se apague a vela de minha mao.

O vento ruge amigo,

As trevas sao espessas

E nós estamos sozinhos no mundo ...

Talvez nao encontremos mais a aurora

Talvez as nossas forças nos abandonem

E a nossa voz desapareça.

Talvez as nossas maos sejam decepadas,

Os nossos gestos se aniquilem

E fiquemos sem destino com esta vela agonizante ...

Talvez o mar nos envolva bruscamente

A poeira das estradas nos oculte,

As pedras dos caminhos retalhem nossos pes

Mas nós seguraremos com as quatro maos decepadas

Esta vela salvadora

Que foi a razao de nossa vida,

Da eternidade de nossos sonhos ...

ANJO REBELDE

**Um anjo rebelde surgirá da vida
E começará a destruição das galeras brancas do mar
Das torres ignoradas e dos castelos ocultos,
Destruirá também a esperança e as ilusões ...
O anjo rebelde virá num carro luminoso de estrelas
Com a espada sangrenta nas mãos impiedosas,
As suas asas serão essas mãos impiedosas
Porque ele não vira das alturas como os outros anjos
Nem da imensidão soturna do mar
Como um peixe desconhecido,
Não virá da solidão dos abismos
Como um acontecimento bíblico
Nem das florestas misteriosas
Como num conto de fadas ...
O anjo surgirá mesmo da vida
Dos acontecimentos quotidianos
E não virá precedido de aureolas de fogos**

Mas apenas de passaros e estrelas ...

Antes porem de começar a sua marcha gloriosa

O anjo rebelde se ocultará num coração qualquer de poeta,

Se remirá em tremendas agonias

Contemplando a paisagem dos caminhos do mundo...

Nesse pequeno interludio,

Nesse martirológio voluntario

O anjo terá gestos invisíveis de revolta,

Inspirará poemas imortais ...

DESPEDIDA AO VIAJANTE NOTURNO

Deixa que eu aperte logo a tua mão amigo

E fuma aqui mesmo o teu cigarro.

A noite lá fora é um misterio,

O vento derrubou todas as estrelas

E por isso seguirás sem rumo

Ouvindo apenas a sinfonia dos gemidos ...

Segue amigo,

A solidão te espera

O vento clama por teu nome

E a madrugada é um convite irrecusavel ...

POEMA

Na manha clara

Cheia de luz e de cor,

Quando os passaros cantavam

E os jardins palpitavam vida,

Tombaste como um imenso cedro

Sobre o estandarte de teus sonhos

E de tuas esperanças ...

Sobre o teu corpo inerte e ensanguentado

As crianças choraram,

Os velhos proferiram suas preces

E as caravanas silenciosamente estancaram ...

Os passaros trouxeram suas musicas

E o crepusculo seus momentos de serenidade ...

Por fim desceu a imensa noite sobre o mundo

Numa tentativa inutil

De ocultar teu corpo

De apagar teus rastros luminosos ...

O POETA DE BRANCO

Na tarde calma

Quando o crepusculo descia

O poeta quis sentir a serenidade do entardecer

E ouvir o brando murmurio das aguas.

O poeta queria deixar que a sua alma

Se embriagasse de paz e suavidade ...

Queria fugir ligeiramente da arena do mundo,

Esquecer todos os problemas quotidianos

Fechar os olhos às contradições da vida

E nao ter ouvidos para o tumulto das multidoes ...

O poeta queria apenas o mísero direito

De viver alguns instantes para si.

O poeta ia de branco

Porque sempre amou a paz,

Porque brancos eram também seus pensamentos

Na tarde calma

Em que o poeta não pôde esconder o seu egoísmo ...

Sim, o poeta ia de branco para o entardecer

Embora compreendesse na curva do caminho,

No naufrágio quase geral da espécie

Que a sua indumentária era uma afronta ...

FIM DE "AS VOZES AMARGAS"

%%%%%%%%%

ROSA DA ESPERANÇA

Rosa da vida, rosa da esperança

**De meu jardim, de tênue alacridade.
Que me ficou vivendo na lembrança
Como um poema de amor e de saudade...**

**Rosa de luz, rosa ideal e rosa
Que foi sonho e beleza e foi virtude
E estrêla que esperei — alma radiosa
Nas horas boas que viver não pude.**

**Não te esqueci por êste mundo afora,
Nestes caminhos rudes onde agora
Não vejo a luz de teus olhares francos.**

**O teu fascínio para mim não finda
Pois te lembrando viverei ainda
Quando chegarem meus cabelos brancos.**

**(In “Rev. da Academia Amazonense de Letras”, n. 5,
março de 1956 — Manaus).**

DJALMA VIEIRA PASSOS nasceu, no Acre, no dia 19 de junho de 1923 e faleceu no Rio em 1990. Filho de Diomédio Vieira Passos e de D. Joana Crispim de Souza Passos. Fêz seus estudos no Colégio Estadual do Amazonas e na Faculdade de Direito do Amazonas. Foi tenente-coronel da Reserva da Policia Militar do Estado. Foi professor do Colégio Comercial Brasileiro, Ruy Barbosa e Ginásio de Aparecida. Abandonou o magistério para ingressar na política, tendo sido eleito, primeiramente, Vereador, mais tarde, Deputado Estadual e depois Deputado Federal pelo Amazonas pelo PTB

(1962). Colaborou com as revistas e jornais de Manaus.

O Senador Aureo Mello do PMDB do AM pronunciou Discurso em 19/06/1990 em

HOMENAGEM DE PESAR PELO FALECIMENTO DO SR. DJALMA PASSOS.

Obras:

Poemas do tempo perdido (Plaqueta do Centro Plácido Serrano, 1947);

As Vozes Amargas, (Casa do estudante do Brasil, 1952);

Tempo e Distância, Manaus, 1955.

**Poeta, contista, cronista, ensaísta, advogado,
diplomado em direito (1955), Fundador do Clube da
Madrugada**

Obras do Autor Cadastradas

As Vozes amargas Poesia 1952

Bazar de angústia Miscelânea 1972

**Notas de literatura contemporânea Crítica, teoria e
história literárias 1978**

Poemas do tempo perdido Poesia 1947

Tempo e distância Poesia 1955

%%%%%%%%%

**Em 1954, os poetas Jorge Alauzo Tufic, Antisthenes de
Oliveira Pinto, Alencar e Silva, Saul Benchimol, Carlos
Farias de Carvalho, Francisco Vasconcelos, Oscar
Ramos, Afrânio de Castro, Antonio Trindade, Freitas
Pinto, José Pinheiro, Francisco Batista, Djalma Passos
e outros, fundaram o Clube da Madrugada em plena
Praça da Policia Militar.**

%%%%%%%%%

JORNAIS ANTIGOS

1946 - O CENTRO

Orgão do Centro Estudantil "Plácido Serrano"

Manaus - AM

Diretor: Elpídio Cahn - Redactores: Antonio Lopes de Souza, Bento Vidal e Djalma Passos

Circulação: mensal

01 exemplar avulso de fev. de 1946

Ano: III

Notação: Cod. 113: A1.P1. Port.2

%%%%%%%%%

LEI N° 543, DE 23 DE JUNHO DE 2000

DÁ o nome de Djalma Passos à

Escola Municipal localizada na Rua

Monte Sião s/nº, bairro Cidade de

Deus, Zona Leste de Manaus

O PREFEITO MUNICIPAL DE MANAUS no uso

**das atribuições que lhe são conferidas pelo artigo 80,
inciso**

IV, da Lei Orgânica do Município.

FAÇO SABER que o Poder Legislativo decretou

e eu sanciono a presente

LEI:

Art. 1º - A Escola localizada na Rua Monte Sião

s/nº, bairro Cidade de Deus, Zona Leste de Manaus,

vinculada à Secretaria Municipal de Educação, será

denominada Escola Municipal Djalma Passos.

Art. 2º - A Prefeitura Municipal de Manaus

**adotará as providências necessárias para execução
desta**

legislação, sobre tudo no tocante a sua sinalização.

Art. 3º - Revogam-se as disposições em

contrário.

Art. 4º - Esta Lei entrará em vigor na data de

sua publicação.

Manaus, 23 de junho de 2000

ALFREDO NASCIMENTO

PREFEITO

%%%%%%%%%

Ações do Projovem vão à Zona Norte (2007)

No próximo sábado, dia 30 de junho, alunos do Projovem irão participar de atividades de integração das ações previstas dentro do Programa(ações comunitárias, profissionais e de educação básica). Das 8 da manhã até 1 da tarde, vão ser realizadas palestras e oficinas como de manicura, cabeleireiro, artesanato, todas para atender à comunidade. A programação vai ser realizada na Escola Municipal Djalma Passos que fica no Campo Dourado, bairro Cidade Nova.

%%%%%%%%%

APÊNDICE: ATIVIDADE PARLAMENTAR

COMISSÕES

RESOLUÇÃO Nº 1, DE 1963

(Diário do Congresso Nacional de 28 de março de 1963)

Institui a Comissão Parlamentar de inquérito para apurar irregularidades no Serviço de Proteção aos Índios e da outras providencias.

Sr. Presidente, requeremos um Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar irregularidades no Serviço de Proteção aos índios, do Ministério da Agricultura, principalmente no que concerne aos arrendamento das terras, á receita arrecadada e sua aplicação, á assistência prestado ao índio e as providencias determinada ás Comissões de Sindicância criadas pelo poder Executivo.

A Comissão Parlamentar de Inquérito de que trata o art. 1º, será composta de 5 membros e terá o prazo de duração de 90 dias.

As despesas decorrentes da presente resolução correrão á conta da verba própria do orçamento vigente - Consignação 1.600 - Encargos diversos, suplementada se necessário.

Sala das Sessões, 20 de março de 1963.

Justificativa

Senhor Presidente,

È lamentável o estado em que se encontra o Serviço de Proteção aos índios. Denuncia-o o próprio Diretor Chefe de Serviço Cel. Moacyr Ribeiro Coelho; "Há

muita safadeza em vários casos em cujo esclarecimento está empenhado, a fim de moralizar a administração do SPI. A crise é de pessoal, qualitativa e quantitativamente... "Referindo-se aos diversos casos de irregularidades de que vem sendo acusada a sua administração, o Diretor do SPI disse que 23 inqueritos e sindicâncias fora reconstituídos para apurar os fatos.

Se assim se passa não administração, não é diferente o estado em que se encontram os índios. Há no país, cerca de 300.000 índios, dominados pela doença (tuberculose e malária), a subnutrições e pela ignorância, enquanto o que a nação dispense cerca de ½ bilhão de cruzeiros para manutenção desse serviço que, antes de ser de Proteção ao índio, é de Perseguição.

A reportagem diz que "O Coronel Moacyr Ribeiro Coelho está quase só na batalha pela valorização do silvícola. O órgão está obsoleto. O Ócio administrativo por pouco não ganhou consistência jurídica, enquanto o atual dirigente parece um corpo estranho ali".

As reservas indígenas, como acontece com a dos Kadiueus - cerca de 360.000 hectares, - estão arrendados a diversos criadores, por prazos nunca inferiores a 6 anos, na base de 3% da lotação, nunca inferior a 400 cabeças produzindo uma grande renda ao SPI. Hoje ali existem uma 50 a 60 mil cabeças de gado vacum. O Orçamento da União, no entanto, não contempla qualquer rubrica da receita.

"Há uma luta interna muito grave no SPI, "denuncia-o o Sr. Janes Monteiro Leite" e a Inspetoria faz confusão dos fatos no desejo de obrigar a retirada dos atuais arrendatários e permitir a entrada de outros que

oferecem bom dinheiro pelas posses existentes, que custaram 2, 3 e 4 milhões de cruzeiros. Além disso pagaram 30 mil cruzeiros ao advogado, cada um, no ato da assinatura dos contratos, em numero de 62. Essa luta do SPI, tempo atrás, resultou na morte de um, fato que se passou dentro da própria repartição, nesta cidade". (Campo Grande).

A Câmara Precisa Agir

A Câmara precisa agir com decisão para que não venha a ser acusada de displicência porque índio não vota, como se vê no tópico seguinte;

"Serviço de Proteção aos índios e uma vergonha com meio século de duração. O flagrante desinteresse dos políticos diante dos silvícolas pode ser interpretado de forma clara : índio não vota. Raciocinando assim, os homens públicos, em média, não sentem qualquer compaixão pelo elemento nativo".

Senhor Presidente,

São estas as razões que levam os subscritores do presente projeto a requerer á Casa a formação da presente Comissão Parlamentar do Inquérito.

Edison Garcia - Simão da Cunha -Francelino Pereira- Oscar Correia - José Carlos Guerra - José Sarney - Vital do Rego - Dnar Mendes - Flores Soares - Ernani Satyro - Luiz Bronzeado - (Ilegível) Minoro Miyamoto - Aduino Cardoso - Celso Passos - Ezequiel Costa - Raimundo Padilha - Amaral Neto - Aliomar Baleeiro - Otavio Ribeiro - Augusto Novais - Ossian Araripe - Gil Veloso - Costa Cavalcanti - Saldashe Derzi - Adolpho de Oliveira - Pedro Braga - Newton Carneiro - Dias Menezes - Jorge Curi - Tourinho Dantas - Horacio Betonio - Arnaldo Nogueira - Rondon Pcheco - Manoel Pereira - Jalles

Machado - Edilson Melo Távora - Segismundo Andrade - Vasco Filho - Plínio Sampaio - Teófilo Andrade - Juarez Távora - Emilio Jones - Henrique Tuner - Ruy Santos - Tenório Cavalcanti - Oceano Carleial - Mario Covas - Adião Bernardes - Stelio Maracujá - Omeo oBtelho - Paulo Sarasato - Pedro Aleixo - Euclides Trides - Cid Furtado - Correa da Costa - Plínio Lemos - Aristotenes Fernandes - Tuly Massil - Dervilly Alegretti - Ortiz Borges - Jose Esteves - Candido Sampaio - Yukishique Tâmara - Benjamim Farah - Padre Godinho - Afrânio de Oliveira - Lamartine Tavara - Gastão Pereira - Jairo Brun - Euvaldo Pinto - Nicolau Tuma - Neiva Moreira - Arnaldo Carvalho - Wilson Falcão - Rubens Paiva - (ilegível) - Alceu Carvalho - Aécio Magahenizani - Altino Machado - Abrão Moura - Emmanuel Waismann - Milton Dutra - José Aparecido - Djalma Passos - Álvaro Catão - Albino Zeni - Afonso Auschau - Hermes Macedo - Pedro Braga - Ney Maranhão - Audizio Pinheiro - Benedito Vaz - Milton Reis - Clemens Sampaio - Mario Maia - Benedito Cerqueira - Jamil Aniden - Manoel Novaes - Nocy Novaes - Manso Cabral - João Alves de Almeida - Padre Godinho - Padre Nobre - Henrique Tuner - João Mendes - Olimpio - Arruda Câmara - Machado Rolemberg - Armando Rolemberg - Arnaldo Gomes - José Carlos Teixeira - Francisco Montoro Susuumu Hivata - Dias Lins - Aloyno Nono - Medeiros Neto - Zacaria Selene - Elias do Carmo - Geraldo Freire - Sousa Santos - Lauro Cruz - Waldemar Pessoas - (ilegível) José Etseves (duplicata) Moyses Pimentel - Aécio Cunha - Alberto Abou - Esmerino Arruda - Ferro Costa - Costa Rego - Ribeiro Coutinho - Jonary Nunes - Bilac Pinto - Lourival Baptista - Paulo Sarasate - Antonio Carlos Magalhães - Pedro Aleixo - Hamilton Nogueira - Diomicio Freitas - Cardoso de Menezes - Djalma Marinho - Daso Coimbra.

Foram designados os seguintes deputados para integrarem a Comissão; Senhores Edgard Pereira - Valério Magalhães - Gelso Amaral - Antonio Bresolim - Wilson Martins, e como suplentes os Senhores Rachid Mamed e Luiz Bronzeado.

ATIVIDADE PARLAMENTAR

DEPUTADOS ELEITOS

Câmara dos Deputados - 1962

AC - Valério Caldas de Magalhães - 827 - PSD (4,2)

AM - Djalma Vieira Passos - 3306 - PTB (2,4)

PA - Sylvio Leopoldo de Macambira Braga - 10299 - (PSP, PTN, PRT, PR, PSB, UDN, PL ou MTR) (2,4)

MA - Pedro Braga Filho - 6025 - (PDC, UDN, PTN ou PR) (1,2)

PI - Jacob Manoel Gayoso e Almendra - 12707 - PTB (4,0)

CE - José Flávio Leite Costa Lima - 12919 - (PSD ou UDN) (1,5)

RN - Jessé Pinto Freire - 18292 - (PSD ou PDC) (5,7)

PB - Bivar Olinto de Melo - 5834 - PSD (1,4)

PE - Aurino do Nascimento Valois - 8514 - PTB (1,0)

AL - José Pereira Lúcio - 5535 - UDN (2,9)

SE-João Machado Rolemberg Mendonça - 9905 - (UDN,PTBou PST) (5,1)

BA - Pedro Vilas Bôas Catalão - 8423 - (PTB, PR ou PRP) (0,7)

MG - Padre José Sousa Nobre - 13856 - (PTB, PSP ou PL) (0,5)

ES - Raymundo de Araújo Andrade - 10669 - (PSD ou PTN) (3,5)

**GB (DF) - Benedicto Cerqueira - 3527 - (PTB ou PSB)
(0,3)**

**RJ - Roberto Saturnino Braga - 7709 - (MTR, PSB ou
PST) (0,7)**

SP - Adrião Bernardes - 7270 - PST (0,2)

PR - Lyrio Bertolli - 8223 - PSD (0,7)

SC - Paulo Macalani - 12579 - PTB (2,0)

RS - Ary Rodrigues Alcântara - 13452 - PSD (0,9)

MT - Edison Britto Garcia - 7713 - UDN (1,5)

**GO - Jales Machado de Siqueira - 8182 - (UDN, PSP ou
PDC) (1,6)**

ATIVIDADE PARLAMENTAR

PL-2035/1964

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 15/6/1964

Ementa: DISPÕE SOBRE O APROVEITAMENTO DO FUNCIONARIO EM DIREITO, NOS SERVIÇOS JURIDICOS DA UNIÃO E DAS AUTARQUIAS.

PL-1268/1963

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 14/11/1963

Ementa: CONCEDE A APOSENTADORIA VOLUNTARIA, AOS 25 ANOS DE SERVIÇO AOS SERVIDORES DO SERVIÇO GRAFICO DA UNIÃO, CUJAS ATRIBUIÇÕES OS OBRIGUE A UM CONTATO PERMANENTE COM SUBSTANCIAS NOCIVAS A SAUDE.

PL-696/1963

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 19/7/1963

Ementa: ESTABELECE O SALARIO DE FRONTEIRA PARA AS POLICIAS MILITARES DO AMAZONAS, ACRE, PARA, MATO GROSSO, PARANA, SANTA CATARINA, RIO GRANDE DO SUL, E DA OUTRAS PROVIDENCIAS.

PL-447/1963

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 11/6/1963

Ementa: AUTORIZA A UNIÃO A CONSTITUIR, COM O ESTADO DO AMAZONAS E SEUS MUNICIPIOS, A COMPANHIA AMAZONENSE DE NAVEGAÇÃO, E DA OUTRAS PROVIDENCIAS.

PL-446/1963

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 11/6/1963

Ementa: AUTORIZA O PODER EXECUTIVO A ABRIR, PELO MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES, O CREDITO ESPECIAL DE CRZ 80.000.000,00 (OITENTA MILHÕES DE CRUZEIROS), PARA AJUDAR A CONSTRUÇÃO DA PENITENCIARIA AGRICOLA E INDUSTRIAL DO AMAZONAS, NA ESTRADA AM-1 (MANAUS-ITACOATIARA).

PL-421/1963

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 5/6/1963

Ementa: CRIA O FUNDO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DA AMAZONIA E DA OUTRAS PROVIDENCIAS.

PL-133/1963

Autor: DJALMA PASSOS - PTB/AM.

Data de apresentação: 22/4/1963

Ementa: CRIA A DELEGACIA FEDERAL DE PREÇOS, E DA OUTRAS PROVIDENCIAS.

Senado Federal

Subsecretaria de Informações

COMISSÕES

RESOLUÇÃO Nº 160, DE 1965

Requeiro a constituição de uma comissão Parlamentar de Inquérito, composta de onze (11) membros com a duração de sessenta (60) dias, a fim de apurar atos de violência e desmandos, que culminam até em torturas, físicas, praticadas com evidente intuito de coação eleitoral por agentes do Departamento Federal de Segurança Pública destacados em Alagoas, sob ordens do Secretário de Segurança Pública daquele Estado, desvirtuando assim as altas finalidades da referida corporação policial, que se transformou ali em mero instrumento de pressões políticas contra os adversários do Governo estadual. A CPI ora requerida terá uma verba de cinco milhões de cruzeiros.....(Cr\$ 5.000.000) para suas despesas.

Sala das sessões 1º de setembro de 1965.

- Aloysio Nono - Paulo Lauro - Theodulo Albuquerque - Wilson Calmon - Clemens Sampaio - Luna Freire - Manso Cabral - Clovis Pestana - Benjamin Farah - Padre Vidigal - Áureo Melo - João Alves - Oswaldo Zanello - Campos Vergal - Arnaldo Garcez - Ozanan Coelho - Blas Fortes - Padre Nobre - Ney Maranhão - Jader Albergaria - Gustavo Capanema - Altino Machado - Geraldo Guedes - Noronha Filho - Jairo Brum - Aurino Valois -

Derville Alegretti - Adahhury Fernandes - Eurico de Oliveira - Mauricio Goulart - João Veiga - José Cinciano - Lisandro Paixão - Hergel Morty - Geraldo Mesquita - Mario Maia - Aluysio de Castro - Adriano Gonçalves - Gabriel Hermes - Celestino Filho - Wanderley Dantas - Leopoldo Peres - Heitor Dias - João Calmon - Antônio Feliciano - Mário Covas - Henrique Lima - José Maria Ribeiro - Guilhermino de Oliveira - Luiz Pereira - Cunha Bueno - Anísio Rocha - Jorge Julume - Álvaro Catão - Ario Theodoro - Chagas Rodrigues - Edésio Nunes - Ulysses Guimarães - Humberto Lucena - Daso Coimbra - Lino Braun - Oscar Cardoso - João Mendes - Machado Rolemberg - Ariosto Amado - Celso Amaral - Croucy de Oliveira - Tabosa de Almeida - Aécio Cunha - Renado Celidônio - Amaral Peixoto - Flores Soares - Paulo Pinheiro Chagas - Walter Passos - Álvaro Lins - Raymundo Andrade - Osni Regis - José Menuck - Milvernes Lima - Ary Alcântara - Alfredo Barreira - José Freire - Abrahão Sabbá - José Mandelli - Djalma Passos - Francisco Macedo - Antônio Annibelli - Miguel Marcondes - Pinheiro Brisolla - Bulamaqui de Miranda - Luciano Machado - Adrido Bernardes - Leão Sampaio - Ubirajara Índio do Ceará - Jose Barbosa - Alceu Carvalho - Regis Pacheco - Stelio Maroja - Lôpo de Castro - Ponce de Arruda - Laurentino Pereira - Norberto Schmidi - Benedito Vaz - Manoel Novaes - Necy Novaes - Antônio Almeida - Manoel Almeida - Bernardo Bello - Paulo Frete - Zaire Nunes - Bezerra Leite - Eduardo Flores - Aderbal Jurema - Carvalho da Silva - Dirceu Cardoso - arruda Câmara Jamil Amide - Ozires Pontes - Plínio Salgado - Esmerino Arruda - Dager Serra - Dulcino Monteiro - Lenoir Vargas - Celso Murta - Osmar - Grafulha - Fontes Torres - Hary Normaton - Manoel Barbuda - Breno da Silveira - Matheus Schmidt - Floriceno Paixão - Levy Tavares -

Teófilo Andrade - Vieira de Mello - Josaphat Azevedo - Clayso e Almendra - Accioly Filho - Brito Velho - Euclides Triches - Roberio Saturnino - Augusto Novaes - José Carlos Guerra - Abel Rafael - Hamitton Prado - Chordano Alves - Dyino Pires - Affonso Celso - Calos Murilo - César Prieto - Baptista Ramos - Iran Luz - Mata Neto - Humberto El-Jalek - Geraldo Pina - Armando Leite - José Carlos Teixeira - Evaldo Pinto - Martins Rodrigues - Unirio Machado - Expedito Rodrigues - Nogueira de Rezende - Osvaldo Lima Filho - Geremias Fonte - Gastão Pereira - Andrade Lima Filho - Paulo Coelho - Cid Furtado - Adyllo Vianna - Ezequias Costa - Argilano Dario - Peracchi Barcellos.

(Publicada no D.C.N. de 10-9-65-Pág. 7.419

ESCREVEU ARTHUR ENGRACIO:

O escasso necrológio de Djalma Passos, falecido na segunda quinzena de junho, no Rio de Janeiro, publicado nos jornais de Manaus e falando apenas do político, diz bem do pouco conhecimento que se tinha do poeta e do escritor.

Ocorre com ele o que ocorreu com Álvaro Maia – também político e poeta –, cuja atividade política, por ser, talvez, mais assídua e dominante, empanava-lhe a atividade literária. Não são casos isolados. Muitos

outros bons escritores têm-se obscurecido com o sortilégio dessa dama fascinante – a Política.

No entanto, em Djalma Passos, pari passu com o político, caminhava, com a mesma seriedade, o intelectual, o homem de letras no mais acabado sentido do termo. Poderia ter-se tornado nome nacional, não fosse a sua excessiva modéstia, que o fazia arredio dos meios onde a sua obra tinha oportunidade de ser divulgada e promovida.

Djalma Passos deu uma contribuição valiosa às letras do Amazonas, publicando Poemas do tempo perdido (1948), As Vozes amargas (1952), Tempo e distância (1955), Bazar de angústias (1973), Ocupação da Amazônia e outros problemas (1974) e Notas de literatura contemporânea (1977). Relidos, agora, tenho sobre a mesa três dos seus melhores livros.

Ocupação da Amazônia e Outros Problemas. Esta obra integra Djalma Passos ao quadro dos escritores verdadeiramente preocupados com a problemática amazônica – a que de fato deve polarizar – hoje mais do que nunca - a atenção de quantos, amazônidas ou não, vivem e lutam pelo bem-estar desta região.

São quase duzentas páginas de texto, onde o autor, servido sempre de assinalável cultura, analisa fatos e expõe pontos de vista relacionados à grande questão

que tem construído, até hoje, a Amazônia. Sua experiência de ex-parlamentar ajudou-o muito no enfoque desses problemas, cuja solução maior vem o governo federal procurando dar. O livro traz, inclusive, vários projetos de sua autoria, em que ele se ocupa, primordialmente, de nossa região, mostrando ao Brasil as nossas mazelas, necessidades e anseios – legítimos sob todos os aspectos – de integrarmos-nos ao resto do País, recebendo deste, também, as benesses do progresso e da civilização.

Em Outros Problemas, que constitui a segunda parte da obra, o autor aborda outras realidades brasileiras, como o analfabetismo, a ocupação dos nossos espaços vazios, a reforma educacional, o amparo à infância abandonada etc. São páginas de menor amplitude, mas nem por isso destituídas de valor, de interesse, elaboradas sob a mesma motivação que o levou a escrever os demais trabalhos do volume.

Capa de As vozes amargas

Ocupação da Amazônia e outros problemas, sem ser obra especializada, é um livro que fala de problemas brasileiros atuais, equilibrado, vazado em boa prosa, tendo a virtude de trazer a debate, reavivando-o, um tema para nós da maior significação – a Amazônia.

As Vozes Amargas encerra os melhores momentos da poesia de Djalma Passos. É, a nosso juízo, o seu livro de maior expressão literária, levando-o a alcançar, quando do seu lançamento, significativo êxito de crítica e livraria. Constitui-se de poemas de cunho social, de delicada inspiração e onde o autor atinge porventura os vãos mais altos dentro do seu universo poético

Essas estranhas e soturnas vozes/

Vem dos submundos da vida/

Da garganta enrouquecida dos homens famintos/

Daqueles que gemem nos catres imundos dos hospitais. (Estranhas Vozes).

Em As Vozes Amargas, alternando com poemas de caráter social, há versos de profundo toque lírico, de irrecusável beleza, onde a voz do poeta, sem perder o amargor, reveste-se de nostálgica e dilacerante paixão. Esta estrofe de Poema da terna ausência, fala por ele:

Não mais te ver...

Nunca mais durante a existência inteira

Sentir em minhas mãos vazias as tuas mãos afáveis

Que escreveram tateantes como rosas inspiradas

Na epiderme torturada

O poema de todas as carícias...

Bazar de Angústia é o outro livro do autor que reli com agrado. Nele estão reunidos contos e crônicas, subordinados a temas variados e todos repassados daquele humanismo que se tornou a característica das obras de Djalma Passos. Para o meu gosto, o cronista coloca-se acima do contista, abordando com propriedade os assuntos do dia a dia, que constituem, em verdade, a matéria-prima de que se utiliza o escritor desse gênero da literatura

A síntese, a leveza, o tom poético da frase estão presentes na maioria das crônicas de Bazar de Angústia: "A noite pontilhada de estrelas, branca de luar, continuou como uma sedução diante de meus olhos", "(...) deixei que me invadisse o ar suave da noite pura e contemplei a cidade penetrada de silêncio". "Há cânticos de passarinhos penetrando em meus ouvidos (...)", "... como se eu fosse um estranho caminhante coberto só de andrajos e ilusões", "Da juventude que é a dona do mundo e para quem brotam as flores e nascem todas as manhãs", "A vida é um instante fugaz no relógio do tempo".

As crônicas de Djalma Passos lembram as de Fernando Sabino, pelo tratamento de ficção que o autor lhes dá. Aliás, com um tratamento técnico mais apurado, a maioria delas poderia transformar-se em pequenos

contos, enriquecendo mais o número das histórias curtas que o volume contém.

As informações sobre Djalma Passos que aqui se alinham, têm um fim específico: 1) reparar a lacuna dos obituários da imprensa, que esqueceram o poeta; 2) revelar aos leitores amazonenses, notadamente, aos da nova geração, a importância da sua obra literária, a qual, tão autêntica e valiosa quanto à sua obra política, há-de merecer sempre a nossa homenagem.

FONTE - BLOG DO CORONEL

Djalma Vieira Passos nasceu no então Porto Acre, hoje Rio Branco, capital do Acre, em 1923, filho de Diomedes Vieira Passos e Joana Crispim de Souza. À época, a borracha já dera sua contribuição aos estados amazônicos, estes enfrentavam a derrocada. Por isso, creio, foi que alguns jovens alcançaram Manaus para conquistar aqui a única faculdade em movimentação.

Era uma aventura sair do vizinho Acre para Manaus, toda ela realizada em barcos regionais. E bote tempo nessa travessia.

A Faculdade de Direito do Amazonas acolheu um bom número de acreanos. O primeiro a conquistar a

graduação foi Raymundo Nonato de Castro, que marcou sua passagem pela capital baré. Cerca de duas dezenas de jovens oriundos do Território Federal do Acre, espalhados pelos anos, tornaram-se bacharéis em direito, antes que Djalma Passos aos 32 anos conquistasse o mesmo “canudo” em 1955.

A esse tempo, Passos já pertencia à Polícia Militar do Estado, onde ingressara como sargento. Há um registro de sua atuação junto ao Dr. Djalma Batista, que fora médico da PM, quando um incêndio destruiu parte da Biblioteca Pública, em agosto de 1945.

Rogel Samuel lembra-se de Djalma Passos, na metade dos anos 1950. Passos foi meu professor de português no Ginásio Aparecida. Era um homem calmo e bom, e morava na época perto da casa de minha avó, na rua Japurá, onde eu vivi por alguns anos.

Abandonou o magistério para ingressar na política, tendo sido eleito, primeiramente, vereador, mais tarde deputado estadual (1955-58), e depois federal, pelo PTB, em 1963-67. Depois passou pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro); migrou para a Arena (Aliança Renovadora Nacional) e seu sucedâneo PSD (Partido Social Democrático).

Enquanto major da PM do Estado foi comandante da extinta Guarda Civil, que era uma organização militarizada e subordinada à Polícia Civil, o quartel desta (na rua Guilherme Moreira) ligava-se pelos

fundos com a famosa Central de Polícia, da rua Marechal Deodoro.

A participação deste oficial nessa entidade trouxe-lhe motivação para defender um de seus subordinados que matara um conhecido cidadão. Carço, era a alcunha do inditoso, mas que era irmão do nosso conhecidíssimo José Bernardo Cabral. O guarda-civil cumpriu a punição que lhe foi imposta.

Artigo publicado em favor do subordinado

Djalma Passos publicou, em defesa do guarda, o opúsculo Entre o dever e o cárcere (A tragédia do Guarda Manuel Carlos Melo). Detalhe: ainda vive uma irmã do acusado, minha meia-tia, que o mal de Alzheimer já apagou dela as dores do encarceramento.

Em homenagem a ela, breve vou publicar o texto de Djalma Passos.

O senador Aureo Mello, do PMDB, pronunciou discurso no Senado em 19 junho de 1990, em pesar pelo falecimento de Djalma Passos, acontecido no Rio de Janeiro.

A prefeitura de Manaus, por seu prefeito Alfredo Nascimento, homenageou ao saudoso político com seu nome na Escola Municipal, situada no Monte Sião, na Cidade de Deus.

A poesia de Djalma Passos desapareceu de nossos registros. Nada se comenta ou revela sobre os livros deste artista, nascido no atual estado do Acre, ter concluído a Faculdade de Direito do Amazonas, em 1955; ter sido oficial da Polícia Militar; e, como político, alcançado a Câmara Federal, a partir de 1962.

Capa do livro

Seu primeiro livro - Poemas do tempo perdido, edição do Centro Plácido Serrano, em 1949, quando já publicava sonetos nos jornais de Manaus.

Encontrei em mãos do acadêmico Almir Diniz os três primeiros livros de Djalma Passos. Reproduzo abaixo uma "notícia sobre o autor", de autoria do consagrado poeta Luiz Bacellar.

Tempo e Distância é o terceiro livro de Djalma Passos [1955]. O segundo - As Vozes Amargas - publicado pela Casa do Estudante do Brasil, em 1952, inaugurou a poesia social no Amazonas. Nele, o poeta nos transmite sua mensagem através dos ritmos largos e ondulantes de uma poesia cheia de inquietude pelos destinos do homem.

Ao seguir, As Vozes Amargas não teve da crítica a atenção que merecia, em face da desconceituação da poesia moderna, então chama "futurista" pelos maiorais da crítica e das letras provincianas, mas, embora tratado com tão clamorosa injustiça, firmou-se

no conceito da nova geração. (Um grupo de novos, no qual se destacavam elementos ligados a círculos literários de outros estados, como Sebastião Norões, de poesia marcadamente social, surgia então para reivindicar o direito de renovar os cânones da poesia no Amazonas).

Embora sem contactos prolongados, Djalma Passos acha-se integrado a esse grupo, do qual fazem parte: Freitas Pinto, o mais velho dos novos, Jorge Tufic e Carlos Farias, poetas diferentes entre si, mas coesos quanto à necessidade de renovação dos valores poéticos; e nele toma parte, destacando-se como o pioneiro da poesia social, além de ser o único desses poetas que já estreou em forma de livro.

Djalma Passos, que é também contista ainda inédito, é um dos mais brilhantes oficiais da nossa Polícia Militar, atualmente no posto de major, tendo exercido a elevada função de comandante da Guarda Civil de Manaus, durante o período de 31-01-51 a 17-11-54, quando escreveu, em defesa do guarda civil Manuel Carlos de Melo, acusado de causador da morte do cidadão conhecido nos meios boêmios pela alcunha de Caroço [irmão de Bernardo Cabral], o opúsculo "Entre o Dever e o Cárcere" (Manaus, 1953). Foi, por certo, nesse cargo, que Djalma Passos teve a oportunidade de entrar em contacto mais direto com o homem da rua, o que marca profundamente sua expressão de poeta e contista.

Poeta cheio de profunda ternura pelos desajustados sociais, Djalma Passos é uma das mais puras vozes líricas da poesia planiciária; possuidor de uma linguagem despojada e simples, galvaniza e marca, com o estigma de sua poesia, o leitor mais desinteressado; senhor de uma fluidez límpida e clara, transporta -nos aos redutos de seu espírito observador do homem da rua, através da "fonte perene" de uma expressão profundamente individual.

Pertencendo à categoria dos que têm os olhos voltados para o futuro, sob o signo da pergunta, Djalma Passos domina, com toda a maestria, a expressão larga e a ênfase do verso withmaniano.

DJALMA PASSOS

dá-nos neste volume uma continuação à temática social de "As Vozes Amargas". E, até mesmo, podemos ver no seu "Poema do Feto" um complemento do "Poema aos que não de vir..." de As Vozes Amargas.

O homem, entidade no tempo mais que no espaço, é, como se vê, a constante genérica na poesia de Djalma Passos, onde avultam ainda as subconstantes da Infância, da Noite e do Mar. O Futuro sempre aparece como maior preocupação do poeta: Poema aos que não de vir e Poema do feto.

Caracterizando-se como poeta de ritmos livres (quase sempre tão traiçoeiros para os que se deixam dominar

pela sua aparente facilidade sem se submeterem ao rigor sutil e sem manter consciente obediência aos autênticos movimentos interiores), Djalma Passos atinge maior pureza lírica e riqueza expressional nas composições que intitula simplesmente Poema.

Em TEMPO E DISTÂNCIA, por pura condescendência para com o presente surto de reatualização do soneto, ao que parece, o poeta realiza alguns, entre os quais se deve destacar o que tem por título Nossas Mãos [abaixo copiado].

Sem preocupações de afetar sua autêntica modernidade, Djalma Passos exclui, muito acertadamente, o problema da unidade em sua obra, tendo antes a preocupação da transmissão de sua mensagem. E consegue plenamente seu objetivo! Vale destacar, por exemplo, entre os poemas de As Vozes Amargas, os de títulos: "Poema do moleque brasileiro", "Poema do olhar extinto", "Estranhas vozes", "Procedência", "Anjo noturno", "O Homem só" e "Despedida do viajante noturno".

No "O Poeta de branco" há uma interessante correspondência de sentimento com "O Poeta come amendoim" de Mário de Andrade.

A função de sua poesia carrega-se do mais intenso significado nos dias cheios de angústia e expectativa que estamos passando. Poeta dos mais autênticos e expressivos, surpreende-nos de vez em quando com

"pulos de gato" de poesia no mais cristalino estado de pureza: "A noite lá fora é um mistério, o vento derrubou todas as estrelas... " (Despedida do viajante noturno).

Sua penetrante naturalidade realiza no leitor aquilo que chamaremos de "comoção lírica totalmente independente de qualquer intenção ideológica", não se podendo, portanto, classificar a poesia de Djalma Passos de "dirigida".

Resta-nos chamar a atenção do leitor, neste livro, para a extraordinária potência poética de Djalma Passos que é, sem favor, o fundador da poesia social, "do povo e para o povo", no Amazonas. Que os novos que se estão agrupando agora sob a denominação de Clube da Madrugada lhe façam justiça.

Nossas Mãos

Não procures olhar as mãos que outrora

Tantas vezes teu rosto percorreram...

Também não tentes recordar agora

Os bons poemas que elas escreveram...

Tudo passou, foi sonho, foi quimera,

**Que se perdeu no mundo de outros dias
Pois tuas mãos, em plena primavera,
São para mim completamente frias...**

**Talvez não saibas nem eu sei também
Porque estas mãos que se entendiam bem
Hoje preferem não viver mais juntas...**

**Nem ódio, nem amor... Somente a vida
Na sua teia estranha e incompreendida
E' quem responde todas as perguntas...**